

O legado germânico na antroponímia neológica do português do Brasil

Juliana Soledade

(UnB/UFBA)¹

Mailson Lopes

(UFBA/UC)²

Letícia Rodrigues

(USP)³

A antroponímia brasileira possui um caráter muito peculiar no que se refere à difusão do fenômeno neológico. As investigações acerca dos processos morfológicos de formação desses nomes demonstram que são bastante produtivos os formativos de origem germânica, i.e., prenomes que adentraram a língua portuguesa através do contato com a língua germânica na Península Ibérica durante no medievo têm servido de modelo para a formação de novos nomes no Brasil. Este estudo se baseia na hipótese de que o sistema antroponímico germânico acabou por legar fortes influências para a antroponímia brasileira, uma vez que nomes tradicionais como Adalberto, Alberto, Aguinaldo, Arnaldo, Geraldo, Edmar, Edmundo são bastante difundidos no Brasil, como registram dados do censo 2010 do IBGE. Assim, assumimos a hipótese de que alguns nomes tradicionais que remontam à influência germânica na PI têm servido de modelos para a construção dos nomes próprios neológicos como Rosiberto, Rosualdo, Edrose.

Palavras-chave: antroponímia, morfologia, história do português, germanismo.

1. Preâmbulo

Este estudo investigou a hipótese de que o fenômeno da neologia antroponímica, característico da língua portuguesa na sua variedade brasileira, sofre importante influência da antroponímia de origem germânica, não só no que se refere à incorporação recorrente de elementos formativos desse étimo, como também no que diz respeito à sua configuração morfológica essencialmente bitemática.

Segundo Carvalhinhos (2007:2-3), “[...] em tempos remotos, o nome próprio cumpria a função significativa, isto é, sua função semântica estava assegurada: o indivíduo não era apenas designado por seu nome, como recebia toda sua carga conotativa”. Nomeadamente, esse fenômeno pode ser observado na atribuição de nomes na antiga tradição germânica, na

¹ Juliana Soledade é professora da Universidade Federal da Bahia, em exercício na Universidade de Brasília (julisoledade@gmail.com).

² Mailson Lopes é doutorando pela Universidade Federal da Bahia e pela Universidade de Coimbra, através de acordo de cotutela (mailsonlopes1@yahoo.com.br).

³ Letícia Rodrigues é mestranda na Universidade de São Paulo (letisr@usp.br).

qual a construção dos antropônimos era dotada de um significado através da combinação de temas, em geral, de natureza substantiva e adjetiva.

Piel (1960) explica que o sistema de nomeação germânico, assim como o grego e o indo-europeu, normalmente utilizava uma formação bitemática, em que dois elementos do léxico comum se unem para formar um composto personativo, como no caso de *Teodorico* (*Teodo* “povo” + *rikus* “rico, poderoso”), podendo o segundo componente ser amputado (*Teoda*) ou substituído por um sufixo (*Teod-* + *-ila*).

Essa observação acerca do processo formativo dos nomes de origem germânica pode ser também atestada pelo levantamento que fizemos no Tomo II referente aos nomes próprios do *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (1952), de Nascentes, em que foram encontrados cerca de 450 nomes cujo étimo é registrado como de origem germânica (apontados em sua entrada como “Do germânico” ou “Do gótico”). Dentre esses, é possível verificar que um percentual de cerca de 80% apresenta uma estrutura bitemática, como:

Quadro 1. Antropônimos a partir da recuperação etimológica dos formativos germânicos

ADALFREDO: Do germânico <i>athal</i> , al. mod. <i>edel</i> , <nobre> e <i>frid</i> , al. mod. <i>Friede</i> , <paz>, <pacificador nobre>
ADALBERTO: Do germânico <i>athal</i> , al. mod. <i>edel</i> , <nobre> e <i>bertho</i> , <brilhante>, <guerreiro brilhante>
ARNALDO: Do germânico <i>Aar</i> , <águia> e <i>wald</i> , <forte, potente>, <águia poderosa, forte>

Fonte: Elaborado pelos autores.

No que diz respeito aos prenomes de caráter neológico vernacular no Brasil, é patente a recorrência de estruturas bitemáticas, tanto com o emprego de temas do léxico comum, a exemplo de *Brisamar* (1), *Luzimar* (36), *Mariluz* (5), *Rosaflor* (2), *Rosaluz* (2), quanto com o emprego de formativos próprios do sistema onomástico pessoal, como *Cristinaldo* (23), *Carlealdo* (2), *Franclidean* (41), *Julisson* (5), *Narajulia* (2), *Analice* (54); ou ainda, através de combinações de temas comuns com formativos antropônimos, como *Analuz* (13), *Flormaria* (6), *Luzana* (5) e *Luzemilia* (1)⁴.

A hipótese da prevalência de estruturas bitemáticas tem encontrado respaldo no conjunto de dados analisados por nosso grupo de pesquisa⁵, contudo, da perspectiva teórica

⁴ Todos os exemplos foram coletados no Facebook e o número ao lado corresponde ao número de pessoas identificadas com esse prenome na rede social.

⁵ O *Projeto Novo Dicionário de Nomes em Uso no Brasil* integra atualmente um conjunto seis professores pesquisadores e 16 alunos pesquisadores.

não é estritamente adequado manter o uso do termo “bitemático” para a descrição das construções neológicas antroponímicas. Dentre os motivos, salientamos que nem sempre é possível encontrar um tema, isto é, uma forma livre na língua que faça parte da construção antroponímica, pois muitas vezes o que se tem são formas presas, que apresentam grande recorrência no sistema de nomeação de indivíduos, em posições mais ou menos estáveis, tal como um afixo. Ademais, também consideramos que a terminologia empregada pela morfologia lexical tradicional não parece se encaixar, de forma elegante e eficiente, aos pressupostos descritivos da morfologia construcional aplicada aos antropônimos.

É preciso que se diga que, muito embora Soledade, em seu trabalho no Rosae⁶, tenha se posicionado em favor do uso do termo “morfema” para designar os elementos passíveis de apreensão em uma análise mórfica de nomes próprios, optamos agora, diante do exposto acima, por adotar uma postura diferente e empregaremos, para os constituintes de construções antroponímicas, o termo “formativo”, também adotado por Gonçalves (2016), para a descrição de elementos de natureza morfológica partícipes de processos não canônicos de formação de palavras, como o *blend* e o *clipping*.

Além disso, é importante que se diga que a adoção do termo “formativo” também está relacionada à compreensão sobre a estruturação do léxico e da morfologia a partir daquilo que se conhece como Teoria da Entrada Plena (Full Entry Theory), apresentada por Jackendoff (1997) e defendida por Booij (2010), no âmbito da morfologia construcional. Essa teoria admite que o léxico das línguas possui uma estrutura hierarquicamente organizada, em que palavras complexas armazenadas na memória do falante são fontes/modelos para abstração de esquemas que permitem a construção de novas palavras complexas seguindo o mesmo molde. Assim, esquemas abstratos de formação de palavras são adquiridos a partir do conhecimento e armazenamento mental de um conjunto de palavras complexas que instanciam os padrões de construção que possibilitam a geração de novos itens lexicais. Vale ressaltar ainda que levamos em consideração, nos termos de Rodrigues e Rio-Torto (2013), o papel da frequência na organização do léxico na nossa memória, uma vez que quanto mais frequente for um termo na língua, maior será a chance de ele estar armazenado na memória dos falantes e, portanto, servir de modelo para formações criativas/inovadoras.

Desse modo, aquilo que até aqui tratamos como “construções bitemáticas” serão denominadas de “biformativas”, entendendo formativo como qualquer elemento recorrente

⁶ I Congresso Internacional de Linguística Histórica, em 2009.

em um sistema mórfico de construção lexical, portanto, depreendido de uma análise morfológica (não fonológica, não sintática).

Com relação ao comportamento distribucional dos formativos antroponímicos, eles podem apresentar considerável estabilidade, sempre ocupando a margem direita (como: *-ano* (*Carleano*), *-ete* (*Nilzete*), *-ino* (*Ivino*), *-ice* (*Julice*) etc.) ou a margem esquerda dos prenomes (como: *Ad-* (*Adeval*), *Ed-* (*Edval*), *Jo-* (*Joelson*) etc.) ou podem, ainda, ter mobilidade distribucional (como: *Ild-* (*Ildete*) ~ *ild-* (*Roquildes*), *Mir-* (*Miralva*) ~ *-mir* (*Josemir*), *Van-* (*Vanilda*) ~ *-van* (*Ronivan*) etc.)⁷.

Do ponto de vista dos processos de construção, os prenomes neológicos apresentam significativa variedade de esquemas tanto de natureza concatenativa (utilizando elementos cujo estatuto morfológico já está convencionalizado na língua) quanto de natureza não concatenativa (utilizando formativos oriundos de partes de vocábulos – comuns ou próprios – que não são reconhecidos na língua como componentes mórficos).

Sobre os esquemas de natureza concatenativa são recorrentes os de tipo composicional, como alguns já referidos acima, a exemplo de *Brisamar*, *Flormaria*, *Luzimar*, *Mariluz*, *Rosaflor*, *Rosaluz*, bem como os de tipo afixal, como *Carleano*, *Gildina*, *Julianete*. Nesses casos, os processos construcionais podem lançar mão tanto de formativos próprios do sistema onomástico, quanto de formativos do sistema lexical comum.

Dentre os processos identificados como não concatenativos, aquele que é mais comumente abordado nos manuais de morfologia é a hipocorização, que se refere ao processo em que se reduz o nome por perda fônica (aféreses, sínopes e apóopes) ou, ainda, por reduplicação de sílabas tônicas ou átonas do nome. De acordo com Gonçalves (2006:8), é um processo morfológico pelo qual “[...] antropônimos são encurtados afetivamente, resultando numa forma diminuta que mantém identidade com o prenome ou com o sobrenome original”. Muitos prenomes neológicos no Brasil têm surgido desse processo, por exemplo: *Cacá*, *Cau*, *Dedé*, *Ed*, *Fafá*, *Mari*, *Nina*, *Titi*, *Zé*, *Zeze* etc.

Os cruzamentos vocabulares, também identificados como palavras-valise (Alves 1990) e *blends* (Fendrych, 2008), são também processos não concatenativos frequentes entre os neologismos antroponímicos no Brasil. Embora surjam da fusão de duas palavras-matrizes e, por esse motivo, podem se parecer com processos de composição por aglutinação, os cruzamentos vocabulares possuem alguns aspectos importantes que os diferenciam da composição. Em primeiro lugar, as aglutinações em compostos parecem ser processos que

⁷ Todos os prenomes usados como exemplo tem registro no Brasil, verificados ou no *site* Nomes no Brasil, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ou no Facebook.

decorrem de erosão fônica de palavras justapostas ao longo do tempo. No caso dos cruzamentos vocabulares, decorrem da imediata alteração no corpo fônico dos vocábulos envolvidos na formação, assim, pode haver:

- (1) Entranhamento lexical: com superposição fonológica do tipo *burrocracia* (*burro* + *burocracia*) e, no caso de antropônimos, temos *Antonor* (*Antônio* + *Antenor*), *Suzandro* (*Suzana* + *Sandro*);
- (2) Combinação truncada: em que as duas palavras sofrem truncamento e então são combinadas do tipo *portunhol* (*português* + *espanhol*). Em antropônimos, esse tipo é bastante comum na combinação de nomes de pai e mãe para criar novos nomes de filhos, como *Luzemile* (*Luiza* + *Emílio*), *Orlângela* (*Orlando* + *Rosângela*);
- (3) Substituição lexical: com a reinterpretação morfológica de uma das partes do vocábulo, do tipo *boadrasta* (em que *madrasta* é reinterpretada morfológicamente como sendo composta do adjetivo *má* + um formativo *-drasta*). Na antroponímia, verificamos os casos de *Benjamim* > *Beijamim* e *Lindomar* > *Belomar*⁸.

Em segundo lugar, os cruzamentos vocabulares, sobretudo no caso dos antropônimos, possuem muito menos transparência do que os compostos. Comparemos, então, os casos de composição: *Anajulia*, *Rosaflor*, *Luzmaria*, *Maraclara* e *Analuz* com os cruzamentos vocabulares: *Adilan*, *Edívia*, *Julícia*, *Orlângela*, *Valdilane*⁹. Nesses casos, caso não tenhamos o relato dos criadores dos nomes, não é possível ter certeza de quais nomes estão implicados na combinação, de modo que podemos apenas supor.

O terceiro processo não concatenativo atuante na formação de nomes neológicos no Brasil é o que se tem designado como *splinter*. O sentido mais geral do substantivo *splinter* em inglês pode ser descrito como “peças/lascas de um material que foi quebrado em pedaços grandes”. A aplicação do termo à morfologia vem claramente de uma extensão de sentido de natureza metafórica, uma vez que palavras são entendidas como materiais que podem ser quebrados. Assim, *splinter* designa o fenômeno que consiste em tomar partes de palavras (não identificadas como morfemas) para, a partir delas, formar outras palavras. Nas palavras de Lehrer (1998), *splinter* é um pedaço, não necessariamente morfêmico, tomado de uma

⁸ *Beijamim* e *Belomar* foram exemplos encontrados no Facebook.

⁹ Todos esses nomes são exemplos que temos testemunho de que foram criados por cruzamento vocabular (*Adilan* < *Adilson* + *Ana*; *Edívia* < *Edson* + *Olívia*; *Julícia* < *Juliana* + *Letícia*; *Orlângela* < *Orlando* + *Rosângela*; *Valdilane* < *Valdir* + *Elaine*).

forma modelo, que aparece em novas construções lexicais como, por exemplo, *-gate* (*Watergate, irangate* etc.) e *-thon* (*marathon, bikathon* etc.).

Gonçalves (2016b) trata os *splinters* como novos formativos que surgem na língua, categorizando-os, com base em Szymanek (2005), como afixos que, por si só, se estabelecem nas línguas, pois os falantes começam a percebê-los como tal a partir de um grupo de palavras existentes (nativas ou estrangeiras).

Os *splinters* podem advir de processos de truncamento ou de cruzamento vocabular. Para tanto, basta que o formativo em questão assuma tal capacidade produtiva na língua de modo que passe a ser reconhecido como um constituinte morfológico e a ser utilizado para a instanciação de uma série de itens lexicais.

No léxico comum, há uma série de exemplos desse fenômeno e Gonçalves (2016b) os divide em dois grupos: os não nativos (xenoconstituintes), como *cyber-* (de *cybernetics* > *ciberataque, ciber café...*); *wiki* (de *Wikipédia* > *wikinovela, wikimapia...*); *-tube* (de *YouTube* > *pronôtube, brasileirãotube...*); *-burguer* (de *hambúrguer* > *X-burguer, franburguer...*) etc., e os nativos, como *-drasta* (de *madrasta* > *sogradrasta, tiadrasta...*), *-trocínio* (de *patrocínio* > *paitrocínio, autotrocínio...*); *caipi-* (de *caipirinha* > *caipirosca, caipifruta...*); *info-* (de *informática* > *infopeças, infoprofessor...*) etc. Por esses exemplos, podemos perceber que o “pedaço quebrado” da palavra para se tornar um novo formativo não corresponde a um elemento morfêmico da língua, no entanto, ao assumirem o papel de formativo, passam a compor esquemas construcionais em que se torna previsível tanto o seu comportamento formal quanto semântico. Vejamos, por exemplo, o esquema construcional para as formas em *-nejo*, analisadas por Oliveira (2017), de *sertanejo* > *pagonejo, funknejo, forronejo, lambanejo* etc.:

[[X-nejo]_s ↔ [gênero musical sertanejo relacionado ao gênero musical X]_s]

Em relação a esse tipo de esquema, ressaltamos que as formas que ocupam a posição em X podem se tratar de formas livres na língua, como *forró* e *funk*, mas também podem ser truncamentos (reduções) de formas livres como *pago-* (de *pagode*) e *lamba-* (de *lambada*).

A formação de *splinters* é, portanto, um fenômeno recorrente no léxico comum da língua portuguesa e não há motivos para que imaginemos que ele não possa ocorrer também no léxico onomástico. Em Soledade e Simões Neto (2018), os autores demonstram com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que antes mesmo do formativo *-son*, tomado de empréstimo de nomes do inglês, ganhar produtividade entre os

nomes neológicos no Brasil, os *splinters* *-ilson* ~ *-elson*, destacados dos nomes/modelos *Nilson* e *Nelson* amplamente difundidos após o empréstimo, já encontravam grande repercussão na neologia antroponímica brasileira, por exemplo: *Adilson*, *Deilson*, *Joilson* etc. Posteriormente, também se tomará de *Anderson*, *Emerson*, *Jeferson*, o *splinter* *-erson*, dando origem a vários nomes brasileiros, como *Cleverson*, *Deiverson*, *Demerson*, *Joerson* etc.).

Acerca dos nomes com formativos de origem germânica, consideramos complexo o seu enquadramento em algum dos processos acima descritos. Por exemplo, os formativos germânicos *adal* ‘nobre’ (> port. *ad-*), *ald* ‘velho’ (> port. *-aldo*), *berth* ‘brilhante’ (> port. *-berto*), *franc-* ‘franco’ (> port. *Franci-*), *blath* ‘audaz’ (> port. *Val-*) etc., quando empregados no sistema antroponímico original, funcionavam como elementos morfológicos de composição, porém quando migraram para o sistema onomástico do português perderam o seu caráter composicional. Prova disso é que em Portugal, por exemplo, não há novos nomes formados com esses elementos. Por sua vez, no Brasil, no século XX (ao que tudo indica), esses mesmos formativos, em sua forma atualizada fônica e morficamente, foram retomados para formar novos nomes. A pergunta que nos cabe aqui é: qual ou quais processos morfológicos foram acionados pelos falantes brasileiros para depreender esses formativos, já que não há a menor possibilidade de que isso tenha sido feito por uma recuperação das informações de natureza histórica-etimológica acerca dos processos formativos dos nomes de origem germânica, haja vista que, ao que tudo indica, esses nomes são fruto da criatividade de falantes de baixa escolarização.

Voltamos então ao ponto de partida deste artigo: a hipótese do modelo bitemático germânico, dando origem ao modelo biformativo brasileiro. Rodrigues, em análise primária das atas de filiação à Ordem Terceira do Carmo, em Salvador, na Bahia, começa a encontrar, entre início e meados do século XX, nomes como *Adalinda*, *Ivanildo*, *Everaldo*, *Hildete* e *Wiveraldo*. É de se notar que se trata da cidade de Salvador, onde a população negra (descendente de escravos e libertos) chegou, em 2010, a quase 80%, segundo dados do IBGE. É de se destacar também estamos falando de dados do século XX. Por fim, é patente o uso de formativos de origem germânica nesses brasileirismos (*Adal-*, *-ildo*, *-aldo* e *Hild-*).

Assim, alguns desses formativos, a exemplo do *Franc(i)-*, assumirão no Brasil tal recorrência entre nomes neológicos que classificá-lo como um *splinter*, tomado do antropônimo tradicional *Francisco*, seja a forma mais adequada de análise. Por sua vez, um formativo como *berg-*, tomado de *Gutemberg*, que forma poucos nomes como *Ivanberg* e *Josemberg*, pode ser tratado como atuante em casos de cruzamento vocabular.

Em suma, são também os processos não concatenativos os grandes responsáveis pela neologia antroponímica no Brasil. Muito embora esses fenômenos sejam usualmente classificados como processos marginais de formação de palavras e que não costumem figurar, com nenhum grau de centralidade, nos estudos da morfologia lexical tradicional, não parece que possamos deles prescindir para descrever o comportamento genolexical dos prenomes criativos brasileiros.

Em todo o caso, independentemente do processo por trás das criações desses antropônimos, algumas coisas podemos ter como certeza, a saber: é do conjunto de nomes herdados da tradição portuguesa e de empréstimos posteriores que o brasileiro tomará conhecimento e fará uso não só dos nomes de origem germânica, mas também dos seus formativos e também da sua estrutura básica de construção de prenomes.

2. Alguns aspectos históricos a se destacar

O neologismo antroponímico no Brasil, ao que indicam as pesquisas empreendidas sobre o tema, é um fenômeno que se apresenta de forma recorrente a partir do segundo quarto do século XX. Quando aceitamos o argumento de que o fenômeno neológico da antroponímia brasileira começa a se generalizar no segundo quartel do século XX, isso acontece por conhecimento de alguns dados importantes: 1) primeiro, o estudo de *corpora* datados anteriormente a esse período não revela número significativo de nomes neológicos que nos leve a considerar a relevância do fenômeno antes do século XX; 2) segundo, na base de dados do IBGE, ao verificarmos cerca de duas centenas de nomes cujo caráter foi apontado como inovador, constatamos que seu surgimento está datado, frequentemente, entre as décadas de 1930 e 1940 e seu ápice de uso se dá nas décadas de 1950 e 1960.

As motivações para o incremento acentuado da neologia antroponímica ao longo do século XX ainda é um aspecto que demanda maiores investigações, mas aventamos que tenha forte relação com alguns aspectos socioculturais importantes. Em primeiro lugar, nasce, após a abolição da escravatura, uma massa populacional em busca de uma construção identitária particular, pois não se reconhece na matriz branca opressora que sempre a nomeou, responsável pela expropriação de seus nomes originais, de sua cultura, de sua língua. Portanto, é em busca dessa nova identidade própria que esses brasileiros afrodescendentes vão procurar novas formas de nomeação que as desvinculem do seu passado de submissão à tradição branca cristã. Além disso, em fins do século XIX, o fluxo intenso de imigração trará ao país uma população adepta de outras religiões que não o catolicismo. Isso gerará uma

demanda por um registro civil desvinculado da Igreja, como até então era a praxe. Assim, os registros de nascimento, casamento e óbito passam a ser regulados pelo Estado e, em janeiro de 1889, através do Decreto nº 10.044¹⁰, todos os municípios do país deveriam estar dotados de pelo menos um ofício do registro civil, tirando a prerrogativa do batismo e de influência sobre a nomeação das mãos da Igreja Católica. Com isso, a difusão dos cartórios para fins de registro civil certamente possibilitou ao cidadão uma maior liberdade para a escolha do nome com o qual registraria os seus descendentes.

Contudo, a expansão dos usos de nomes neológicos Brasil afora não poderá também estar desvinculada de fenômenos midiáticos como o surgimento e propagação do rádio entre as décadas de 1920-1950 e, depois, com o surgimento e a disseminação das televisões (décadas de 1950-1970).

Embora os pesquisadores aceitem o argumento de que o fenômeno neológico da antropônimo brasileira começa a se generalizar no século XX, é possível encontrar alguns poucos exemplos de inovação em datas mais recuadas. Dados da tese de doutorado de Hirão Fernandes Cunha e Souza (2017) sobre os antropônimos presentes nos requerimentos de entrada de novos sócios da Sociedade Protetora dos Desvalidos (SPD), irmandade fundada no século XIX que congregava negros libertos em Salvador, apontam para a existência, ainda que incipiente em termos numéricos, de nomes inovadores, como: ***Furtuoso** Manoel de Sant'Anna Lisboa*, ***Martiliano** da Silva Araújo*, ***Miquilino** Rodrigues de Assunção*, ***Timote** Telles da Garcia* (todos de requerimentos datados da década de 1850), ***Sinfônio** Castiliano do Nascimento* (década de 1870), ***Astêncio** Amâncio Pacífico*, ***Guardino** Xavier Moreira*, ***Sisniano** Brito dos Reis*, ***Tintiliano** Batista Barbosa*, ***Vinisimo** José de Souza* (década de 1880), ***Berenito** Pereira dos Reis*, ***Bibiano** Soares Cupim*, ***Braziliano** Teodoro da Soledade*, ***Crecentino** Júlio do Nascimento* e ***Tintino** Silva Araújo dos Santos* (década de 1890).

Destacamos a respeito desses exemplos o fato de que muitos se apresentam inovadores apenas na forma com que estão grafados, remontando a nomes tradicionais, como *Galdino*, *Martiniano*, *Miguelino*, *Quintiliano* e *Timóteo*, sendo que essas alterações na grafia, muito provavelmente, se originam de metaplasmos que incidiam sobre a fala. Outros, por sua vez, se apresentam como derivações de nomes comuns, como *Braziliano*, *Crecentino* e *Sisniano*. Ressaltamos ainda sobre esses dados que, na primeira metade do século XIX, a maioria da população de Salvador era composta de negros africanos e afrodescendentes, como se pode ver nessa citação de João José Reis:

¹⁰ Esse decreto fixa o dia em que deve começar a ter execução, em todo o Império, o Regulamento do Registro Civil dos nascimentos, casamentos e óbitos, expedido no Decreto nº 9.886, de 7 de março de 1888.

Salvador tinha na época da revolta [dos Malês, 1835] em torno de 65.500 habitantes, dos quais cerca de 40 por cento eram escravos. Entre a população não-escrava a maioria era também formada por africanos e seus descendentes, chamados na época de crioulos quando eram negros nascidos no Brasil, além dos mestiços de branco e negro, chamados de pardos, mulatos e cabras. Juntando os negros e mestiços escravos e livres, os afro-descendentes representavam 78 por cento da população. Os brancos não passavam de 22 por cento. Entre os escravos, a grande maioria (63 por cento) era nascida na África, chegando a 80 por cento na região dos engenhos de açúcar, o Recôncavo (REIS, 2003:20).

Acerca de seus nomes, sabemos que, muito embora na oralidade das ruas soteropolitanas oitocentistas pudessem circular nomes de origem africana, o que se tem em registro escrito comprova a realidade descrita por Jean Hebrard (2000), em que negros escravizados foram desapropriados de seus nomes e renomeados com nomes cristãos. Esse apagamento da antropônimo africana encontra-se claramente espelhado no levantamento de Cunha e Souza (2017) acerca do étimo dos nomes dos requerentes a sócio da SPD:

Tabela 1. Antropônimos com étimos mais recorrentes

ANTROPÔNIMOS – ÉTIMOS MAIS RECORRENTES		
Étimo dos antropônimos	Nº de ocorrências	Porcentagem
Antropônimos de étimo latino	242	37%
Antropônimos de étimo grego	156	24%
Antropônimos de étimo germânico	96	15%
Antropônimos de étimo hebraico	91	14%
Antropônimos de outros étimos (siro-hebraico, italiano, eslavo, nórdico, celta, russo e aramaico)	64	10%
TOTAL	649	100 %

Fonte: Elaborada por Cunha e Souza (2017).

É importante, então, destacarmos que a tradição lusitana é que prevalecerá na nomeação de pessoas em território brasileiro, apagando quase por completo a tradição africana e a tradição indígena (que sobrevive apenas nas tribos remanescentes e em nomes que foram perpetuados, sobretudo, pela literatura e dramaturgia).

Nos dados de Cunha e Souza, ao lado dos nomes de origem latina e grega (61%), também figuram de forma relevante os nomes de origem germânica, apresentando um total de 96 ocorrências de um total de 649 prenomes, o que representa 15% do total. Dentre eles,

destacam-se como os mais recorrentes *Bernardo, Fernando, Francisco, Geraldo, Gonçalo*¹¹ e *Guilherme*.

A influência direta da antroponímia germânica sobre o português tem seu momento mais relevante na Idade Média, sobretudo a partir do século IX, quando a solidariedade hispano-goda se fortalece ao lado do empreendimento da reconquista dos territórios invadidos pelos muçulmanos, dando vez a uma grande prevalência de nomes de origem visigoda, como bem demonstra Piel (1960), ao levantar documentos escritos na Idade Média em que figuram, em quase sua totalidade, nomes de caráter germânico (um documento do Mosteiro de Sobrado, na Galícia, datado de 842; um documento de Braga, datado de 900; um documento de doação, do Mosteiro de San Cugat na Catalunha, datado de 964; um diploma de Oviedo, datado de 908). Dentre os nomes levantados por Piel nesses documentos, destacamos alguns que permaneceram em uso na antroponímia brasileira: *Adefonsus* (*Afonso*), *Gundisalvus* (*Gonçalvo*), *Leovegildus* (*Leovigildo*), *Recaredus* (*Ricardo*) e *Rodericus* (*Rodrigo*).

A observação dos dados oferecidos por Piel, bem como os dados oferecidos por estudos preliminares acerca de documentos notariais da Idade Média produzidos no território galego-português (PEREIRA FILHO, 2015), revela que uma grande parte dos nomes germânicos em uso naquele período não teve sobrevida na tradição portuguesa subsequente. Esse apagamento afeta grandemente os nomes femininos, pois como se pode observar, já não existem mais *Agnertrudies*, *Cunegundes*¹², *Godesalvas*, *Godinas*, *Tusneldas*, *Urracas* etc.

Apesar dessas perdas, a influência germânica na antroponímia ainda se verifica como abundante no português do Brasil, não só porque incorporamos, via colonização portuguesa, uma grande parcela desses nomes que adentraram a tradição lusitana, mas também porque através de contatos culturais posteriores com línguas de origem germânica, como o inglês, ou de forte influência germânica, como o francês, pudemos absorver novos prenomes que se formaram originalmente na Germânia e que seguiam os modelos bitemáticos de constituição mórfica.

¹¹Sobre o prenome *Gonçalo*, vale ressaltar que é um nome bastante usual em Portugal, mas não o é no Brasil. Segundo dados do Censo 2010 do IBGE, entre 1910 e 2010, 13.439 pessoas foram registradas com esse prenome, o que representa apenas o 1.366º na escala de popularidade entre cidadãos brasileiros.

¹² Como houve uma Santa Cunegundes, de Luxemburgo, pode ser temerário considerar o seu apagamento. Embora no Facebook não tenhamos encontrado ninguém com esse prenome (apenas quatro pessoas – três mulheres e um homem – que o possuem na posição/condição de sobrenome), nos dados do Censo de 2010 do IBGE consta um número total de 34 pessoas com esse nome. Também encontramos o registro de 172 pessoas nomeadas de *Tusnelda* entre 1930 e 1960 nos dados do IBGE. Os demais nomes citados aqui não foram verificados no Censo 2010.

3. Metodologia

Assim, para a análise de nossos dados, nos valem de alguns recursos metodológicos para determinar quais nomes poderiam ter servido de modelo para as novas formações antroponímicas do português brasileiro.

Primeiramente, coletamos na lista de aprovados no vestibular da Universidade Federal da Bahia, no ano de 2005 (doravante lista de 2005), todos os nomes neológicos (não atestados em nenhum dicionário onomástico disponível¹³ ou na Bíblia). Dentre esses, selecionamos aqueles que, em sua constituição, apresentassem algum formativo de caráter germânico. Com esses dados em mãos, coletamos todos os nomes apontados como de étimo germânico ou gótico no dicionário de Nascentes (Tomo II – nomes próprios) e fizemos um confronto entre os dois conjuntos de dados.

A partir desse levantamento e do confronto com os dados de Nascentes (1952), buscamos verificar no *site* disponibilizado pelo IBGE, acerca do Censo Demográfico de 2010¹⁴, a frequência dos nomes de origem germânica na antroponímia brasileira no século XX e primeira década do século XXI¹⁵, bem como a recorrência dos neologismos da lista de 2005 no Brasil.

O *corpus* disponibilizado pelo IBGE informa que há mais de 130 mil nomes diferentes entre os cerca de 200 mil habitantes nascidos entre 1930 e 2010 no Brasil (quando pertinente, o IBGE também inclui dados referentes a indivíduos nascidos antes de 1930 que, portanto, teriam mais de 80 anos em 2010). Para cada nome, há um gráfico que indica, em números absolutos, quantos indivíduos foram registrados com aquele nome em cada década, como se pode ver no exemplo a seguir:

Figura 1 – Exemplos dos dados do Censo de 2010

¹³MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. 3 vols. Lisboa: Horizonte/Confluência, 2003 (1981).

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: nomes próprios*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.

FEIXÓ CID, Xosé. *Diccionario de nomes galegos*. Lerez: Xerais, 2003.

¹⁴ Disponível no *site*: <http://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>.

¹⁵ Não verificamos todos os 450 nomes encontrados em Nascentes (1952), apenas aqueles que, segundo a intuição de falantes e segundo os formativos encontrados nos dados da lista de aprovados do vestibular de 2005, identificamos como possíveis modelos para as formações neológicas.

Adalberto Ambos os sexos

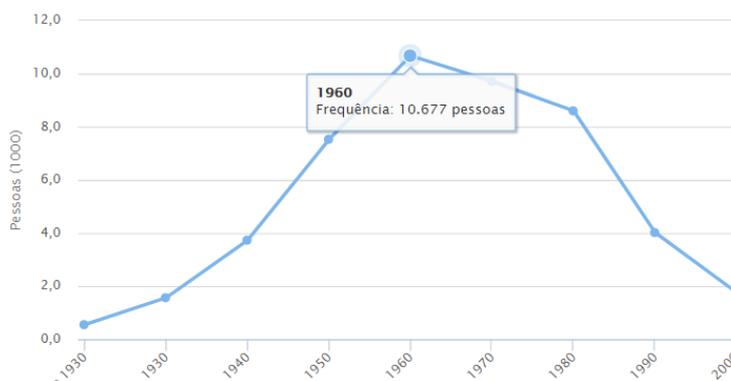
Brasil Município

Pesquisar

Sumário

👤 Frequência:	48.146 pessoas
📊 Percentual:	0,03%
🌟 Popularidade:	556º
i Saiba mais sobre as Cidades	
★ Maior taxa por 100.000 pessoas	
UF	Amazonas
Taxa	39,84
🔗 Compartilhe Adalberto via	

Nascimentos por década



Fonte: IBGE, Censo 2010.

Destacamos ainda, nessa figura, as informações sobre a frequência do nome ao longo de todas as décadas em números absolutos e em percentual (nesse caso: 48.146 pessoas, representando 0,03% do total), bem como a colocação do prenome no *ranking* de popularidade (no caso, 556º).

4. Análise dos dados

Seguindo essa metodologia, já procedemos à análise de todos os formativos de origem germânica encontrados entre os nomes neológicos da lista baiana de 2005, que foram: *-aldo*, *-naldo*, *-valdo*, *-berg*, *Del-*, *Ed-*, *-elma*, *-ilma*, *-elza*, *-ilza*, *-ilze*, *Franci-*, *Ger-*, *Gil-*, *-ilda*, *-ildes*, *-ildo*, *-land-*, *Lind-*, *-mar*, *-mir*, *-rico*, *Val-*, *-val*, *-vald-*, *Van-* e *-van*. Todavia, por conta da limitação de tempo, elegemos apenas três formativos para esta nossa apresentação, a saber, as variantes: *-aldo*, *-valdo*, *-naldo* e os formativos *Ed-* e *Franci-*.

4.1 As variantes *-aldo*, *-naldo* e *-valdo*

Correspondem ao *walt/wald* germânico que, segundo Nascentes (1952), significaria “aquele que governa”, ou ainda, “poderoso”. Observamos que nomes com o formativo *-aldo* ~ *-ardo* também são, por Nascentes (1952), vinculados etimologicamente ao *hard/hart* germânico em nomes como *Geraldo* e *Bernardo*, significando “forte”, entretanto, a

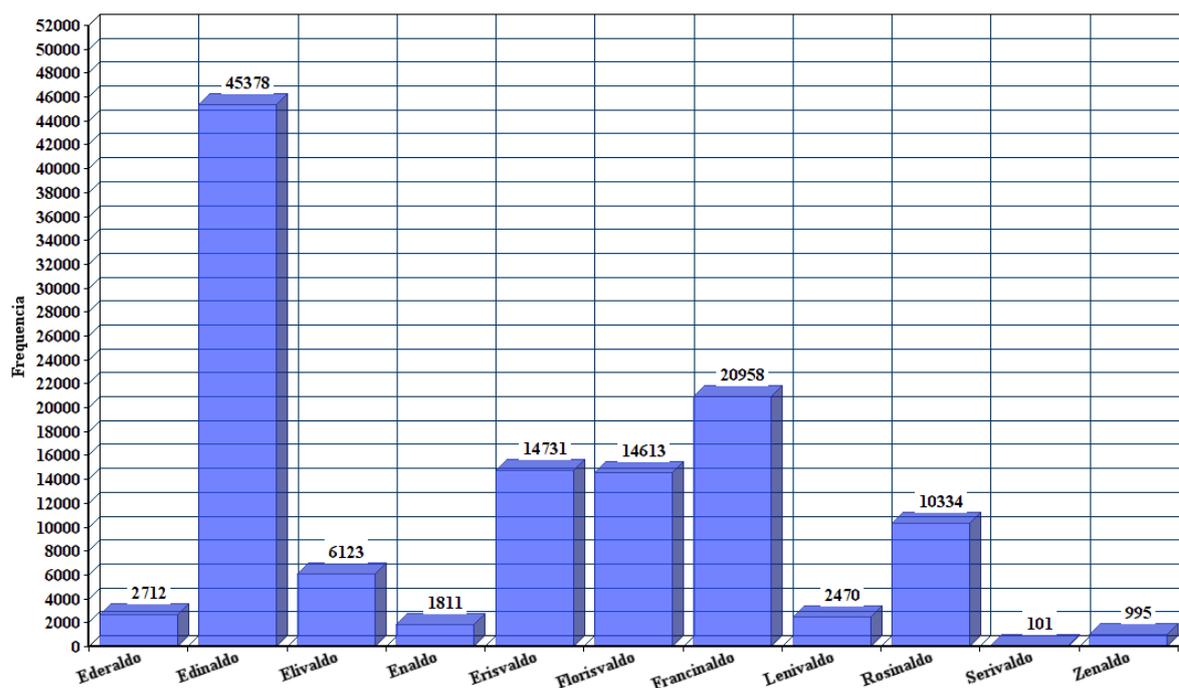
recorrência desse étimo se fez bem menor do que o *wald/walt*. Ainda é possível encontrar um terceiro étimo para esse formativo, como aponta Nascentes (1952:257) para *Teobaldo*: “Nome de homem. Do germânico: *thiuda*, povo e *balths*, ant. alto al. *bald*, audaz, povo ousado (...)”¹⁶. Vale dizer, contudo, que embora possamos recuperar etimologicamente os sentidos primitivos dos constituintes, devemos considerar que, ainda que o sistema antroponímico germânico pudesse resguardar na Idade Média algum resquício da vinculação entre os significados dos temas e os sentidos dos nomes próprios, ao serem incorporados ao romance galego-português, certamente, os antropônimos perderam o vínculo com seus referentes comuns e seus sentidos foram esvaziados, se é que já não o tinham sido antes.

Os elementos *-aldo*, *-naldo* e *-valdo* se mostraram bastante recorrentes entre os nomes neológicos levantados na lista de 2005, apresentando-se em um total de 11 ocorrências, sempre ocupando a margem direita do constructo e sempre referentes a pessoas do sexo masculino. Os prenomes neológicos encontrados foram: *Ederaldo*, *Edinaldo*, *Elivaldo*, *Enaldo*, *Erisvaldo*, *Florisvaldo*, *Francinaldo*, *Lenivaldo*, *Rosinaldo*, *Serivaldo* e *Zenaldo*. Destacamos que no *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, de José Pedro Machado (2003[1980]), já se aponta o potencial neológico desses formativos em entradas como *Givaldo* e *Marivaldo*. Acerca de *Givaldo*, Machado afirma: “Creio que formado arbitrariamente” (MACHADO, 2003:718) e sobre *Marivaldo* diz: “Adaptação do fr. *Marival*?” (MACHADO, 2003:950).

O gráfico abaixo demonstra o comportamento dos prenomes da lista de 2005 no cenário brasileiro:

Gráfico 1 – Frequência dos nomes neológicos com *-aldo*, *-naldo*, *-valdo*, segundo o Censo 2010

¹⁶Embora os étimos sejam distintos e esse seja um dos critérios basilares para certificar ou contradizer a identificação de formas variantes de um mesmo formativo (cf. conceito tradicional de alomorfia), nesta análise, foi considerado que o *-aldo*, o *-naldo* e o *-valdo* são formas variantes de um mesmo formativo, isso porque, no caso dos elementos que formam antropônimos, a coincidência fonológica parece ter valor preponderante para a associação entre os formativos, uma vez que são constructos desprovidos de significado lexical cuja origem encontra-se por demais recuada no tempo para que haja qualquer tipo de diferenciação entre eles por parte dos falantes da atual sincronia.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Cumpre-nos destacar algumas informações relevantes acerca dos dados do IBGE. Primeiramente, os prenomes têm seu primeiro registro entre indivíduos nascidos na década de 1930 (*Ederaldo, Edinaldo, Elivaldo, Enaldo, Erisvaldo* e *Florisvaldo*) e na década de 1940 (*Francinaldo, Lenivaldo, Rosivaldo* e *Zenaldo*). Apenas *Serivaldo* tem um aparecimento tardio, na década de 1960 (20 ocorrências), e logo mais parece não ser mais produtivo, não tendo nenhum registro entre indivíduos nascidos depois da década de 1980 (35 ocorrências). O apagamento de *Serivaldo* talvez tenha relação com o fato de que o formativo da primeira posição (*Seri-*) não encontra expressividade entre os antropônimos brasileiros, diferentemente das demais formações cujos formativos *Ed-, Eli-, Eris-, Floris-, Franci-, Leni-, Rosi-* e *Ze-* podem ser encontrados com grande frequência tanto em nomes tradicionais como em nomes neológicos.

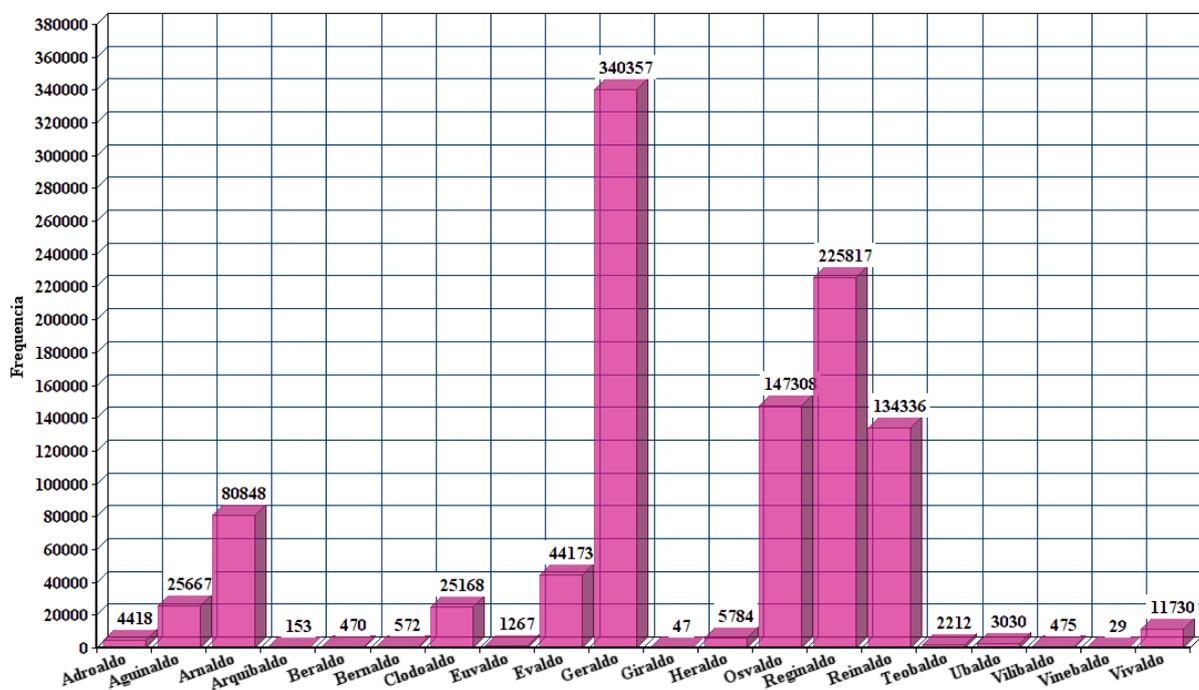
Também vale destacar que a maioria desses prenomes apresenta em seus gráficos uma curva ascendente até as décadas de 1970 e 1980, revelando acentuado declínio depois desse período. Isso levanta a seguinte questão: quais nomes têm sido preferidos pela população brasileira após a década de 1980? A neologia de uma forma geral tem sido preterida? Ou esses ou outros formativos têm sido eleitos para a construção de novos nomes neológicos?

Para consolidar a nossa análise, fomos averiguar se a significativa produtividade desses formativos em nosso *corpus* poderia estar relacionada ao fato de existirem muitos

prenomes tradicionais de origem germânica com esse formativo que foram/são comumente empregados na antroponímia do português brasileiro. Dos verbetes oferecidos por Nascentes (1952), pelo menos 27 nomes apresentaram os formativos *-aldo*, *-naldo* e *-valdo*. Na maior parte dos antropônimos (20 ocorrências), os formativos aparecem ocupando a margem direita, como se comportam nos neológicos baianos, a saber: *Adroaldo*, *Aguinaldo*, *Arnaldo*, *Arquibaldo*, *Beraldo*, *Bernaldo*, *Clodoaldo*, *Euvaldo*, *Evaldo*, *Geraldo*, *Giraldo*, *Heraldo*, *Oswaldo*, *Reginaldo*, *Reinaldo*, *Teobaldo*, *Ubaldo*, *Vilibaldo*, *Vinebaldo* e *Vivaldo*.

Vejam no gráfico abaixo como esses nomes aparecem no cenário brasileiro, segundo dados do IBGE:

Gráfico 2 – Frequência dos nomes tradicionais em *-aldo*, *-naldo*, *-valdo*, segundo o Censo de 2010



Fonte: Elaborado pelos autores.

É necessário apontar que a maioria dos nomes aqui analisados tem seu primeiro registro entre pessoas nascidas antes da década de 1930. E, diferentemente dos neológicos que apresentam seu ápice entre as décadas de 1970 e 1980, os nomes originariamente formados na tradição germânica apresentam seu ápice de popularidade entre as décadas de 1950, 1960 e 1970. É de destacar que, embora sejam 20 os nomes aqui levantados, podemos apontar quatro deles como prováveis modelos devido à sua recorrência, a saber: *Geraldo*, que

ocupa a 78ª posição dentre os nomes mais populares no Brasil; *Reginaldo*, na 135ª; *Oswaldo*, 205ª posição; e *Reinaldo*, 227ª.

Em face da comparação entre os dois conjuntos dados, podemos argumentar que os nomes de origem germânica com os formativos *-aldo*, *-naldo* e *-valdo*, que se incorporaram ao léxico tradicional antroponímico do português do Brasil, forneceram bases para que os falantes abstraíssem um esquema de formação de nomes próprios que poderia ser assim formulado:

[X-(v/n)aldo]_{NP} ↔ [nome de pessoa de gênero masculino]_{NP}

A indexação de natureza categorial implica, então, a indicação de que a construção será sempre um nome próprio (NP) e a contraparte significativa irá demarcar a natureza designativa: “nome de pessoa” e também *poderá* trazer indicação acerca do gênero ao qual esse nome se aplica. Esse é o esquema construcional que, portanto, possibilitou e, ainda torna possível, a criação de novos prenomes empregando esses formativos.

4.2 O formativo *Ed-*

Esse formativo advém do germânico anglo-saxônico *ead*, que significa “riqueza, bens”. Verificamos que ele se mostrou como o mais recorrente no que se refere à análise da lista de 2005, aparecendo 22 vezes no total: 13 em nomes femininos (*Edclea*, *Edeilice*, *Ediana*, *Edijane*, *Edileide*, *Edilene*, *Edilla*, *Edineia*, *Edirlainne*, *Edjane*, *Edmara*, *Edmildes* e *Edvania*) e oito vezes em nomes masculinos (*Edemario*, *Edenildo*, *Edenilton*, *Ederaldo*, *Ederval*, *Edinaldo*, *Edmagno* e *Edwardes*), além de uma ocorrência incerta quanto ao gênero, caso de *Edie*¹⁷.

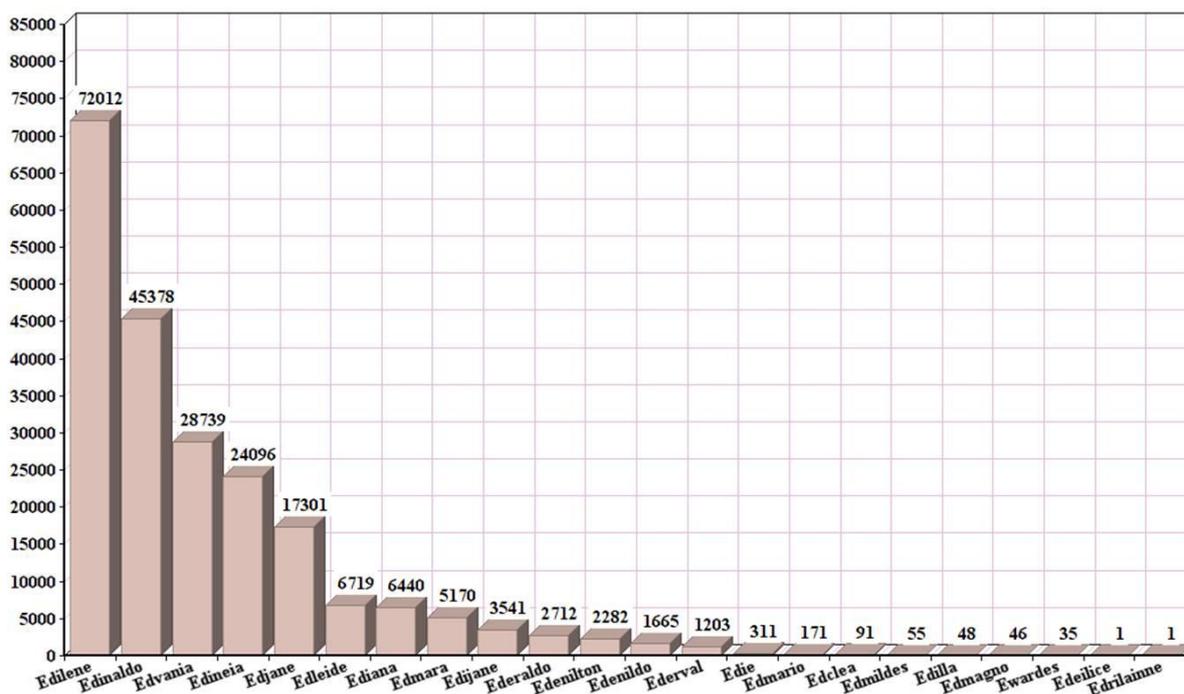
No que tange à formação morfolexical, notamos, a partir dos prenomes mencionados acima, a grande possibilidade de união do *Ed(i/e)-* a formas livres, a exemplo de *Edijane* (*Edi* + *jane*), *Edmara* (*Ed* + *mara*), *Edvania* (*Ed* + *vania*), *Edemario* (*Ede* + *mario*), *Edenilton* (*Ede* + *nilton*) e *Edmagno* (*Ed* + *magno*). Uma possível explicação para tal comportamento é a própria utilização de *Ed* isoladamente, também como forma livre¹⁸.

¹⁷ Salientamos que para os prenomes que possuem acréscimo de “i” ou “e”, consideramos como casos de alografia/alomorfa, visto que mesmo quando ausente na escrita, a epêntese do [i] fonológico (<i> ou <e> gráfico) é realizada na fala. Há, ainda, alguns prenomes nos quais se pode identificar a ocorrência de um -r-, originando possíveis alomorfes “Eder-” e “Edir-”, a exemplo de *Ederaldo* e *Edirlainne*, mas apenas uma investigação mais aprofundada poderia determinar se se trata de uma variação.

¹⁸ Como exemplo, temos o músico e cantor brasileiro *Ed Mota*.

Quanto à atuação de tais prenomes, poderemos confirmar, a partir do Gráfico 3, de acordo com os dados do Censo 2010, que dentre os 22 prenomes neológicos encontrados na lista de 2005, ao menos cinco deles são extremamente recorrentes na antroponímia brasileira, com mais de 15 mil ocorrências, a saber, e nesta ordem: *Edilene*, *Edinaldo*, *Edvania*, *Edineia* e *Edjane*.

Gráfico 3 – Frequência dos nomes neológicos com *Ed-*, segundo o Censo 2010



Fonte: Elaborado pelos autores.

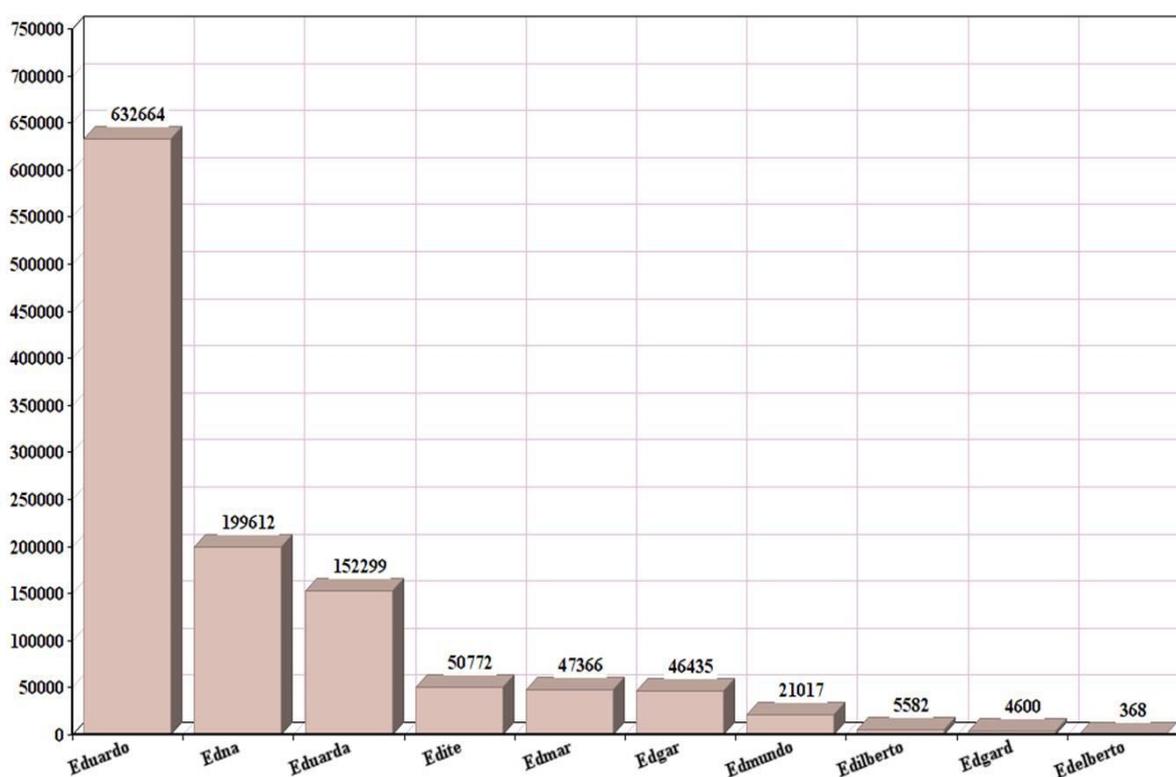
Ainda, outras considerações merecem ser pontuadas acerca do gráfico. Primeiramente, uma constatação óbvia é a clara presença deste formativo na posição inicial ou na margem mais à esquerda. Quanto às datas de aparecimento, os prenomes com *Ed-* apresentam momentos distintos que vão desde antes de 1930 (*Edineia*), 1930 (*Ederaldo*, *Ederval*, *Edie*, *Edilene* e *Edinaldo*), 1940 (*Ediana*, *Edleide*, *Edjane* e *Edvania*), 1950 (*Edemario*, *Edenildo*, *Edenilton*, *Edijane* e *Edmara*), 1960 (*Edmildes*) e até 1980 (*Edclea*)¹⁹. Com relação ao ápice de tais prenomes neológicos, 11 dentre os 17 gráficos analisados apontam para a década de 1980 (*Edenildo*, *Edenilton*, *Ediana*, *Edijane*, *Edleide*, *Edilene*, *Edineia*, *Edjane*, *Edmara*, *Edvania* e *Edie*), mas, e assim como os nomes construídos a partir das variantes *-aldo*, *-naldo* e *-valdo*, também declinam quanto ao uso após esse período, suscitando as mesmas questões

¹⁹ Os gráficos referentes aos prenomes *Edilla*, *Edmagnó*, *Edwardes*, *Edeilice* e *Edirlainne* não foram disponibilizados na plataforma do IBGE por conta da sua baixa recorrência.

outrora levantadas sobre qual seria a preferência dos brasileiros no que tange à escolha antroponímica após a década de 1980.

Para tanto, também nos alçamos em busca da análise acerca da produtividade dos prenomes tradicionais que utilizam o formativo *Ed-* em suas estruturas. A partir de Nascentes (1952), recuperamos 10 prenomes, a saber: *Edelberto*, *Edgar*, *Edgard*, *Edilberto*, *Edite*, *Edmar*, *Edmundo*, *Edna*, *Eduarda* e *Eduardo*.

Gráfico 4 – Frequência dos nomes tradicionais com *Ed-*, segundo o Censo 2010



Fonte: Elaborado pelos autores.

Observamos que quase todos os prenomes tradicionais datam de antes de 1930 e hodiernamente apresentam declínio após ponto máximo entre as décadas de 1940 a 1980 – a exemplo de *Edgar*, *Edgard*, *Edilberto*, *Edite*, *Edmar*, *Edmundo* e *Edna* –, à exceção da curva sempre ascendente dos prenomes *Eduarda* e *Eduardo*, atualmente bastante populares.

Também é notável a grande produtividade dos nomes tradicionais com o formativo *Ed-* na antroponímia brasileira. Sete dentre os 12 antropônimos analisados apresentam mais de 15 mil ocorrências no país, com os prenomes *Edna*, *Eduarda* e *Eduardo* chegando a mais de 199, 152 e 632 mil ocorrências, ocupando as posições de número 160º, 202º e 20º, respectivamente. Essa alta produtividade sugere que, de fato, tais prenomes tradicionais, além

de outros também bastante produtivos, a exemplo de *Edgar*, *Edite* e *Edmar* – todos com mais de 45 mil ocorrências e ocupando, respectivamente, as posições de número 569º, 531º e 546º no *ranking* –, podem ter atuado como modelos a serem depreendidos e acionados pelos falantes no momento da construção dos nomes neológicos, a partir de um esquema construcional como o elaborado a seguir:

$$[ED(i/e)-X]_{NP} \leftrightarrow [\text{nome de pessoa}]_{NP}$$

Logo, e assim como o esquema pensado para as variantes *-aldo*, *-naldo* e *-valdo*, a indexação de natureza categorial também aponta para um nome próprio como resultado, contudo, por se tratar de um formativo encontrado na posição inicial ou mais à esquerda, não seria possível indicar se se trata de um prenome para indivíduos do sexo feminino ou masculino.

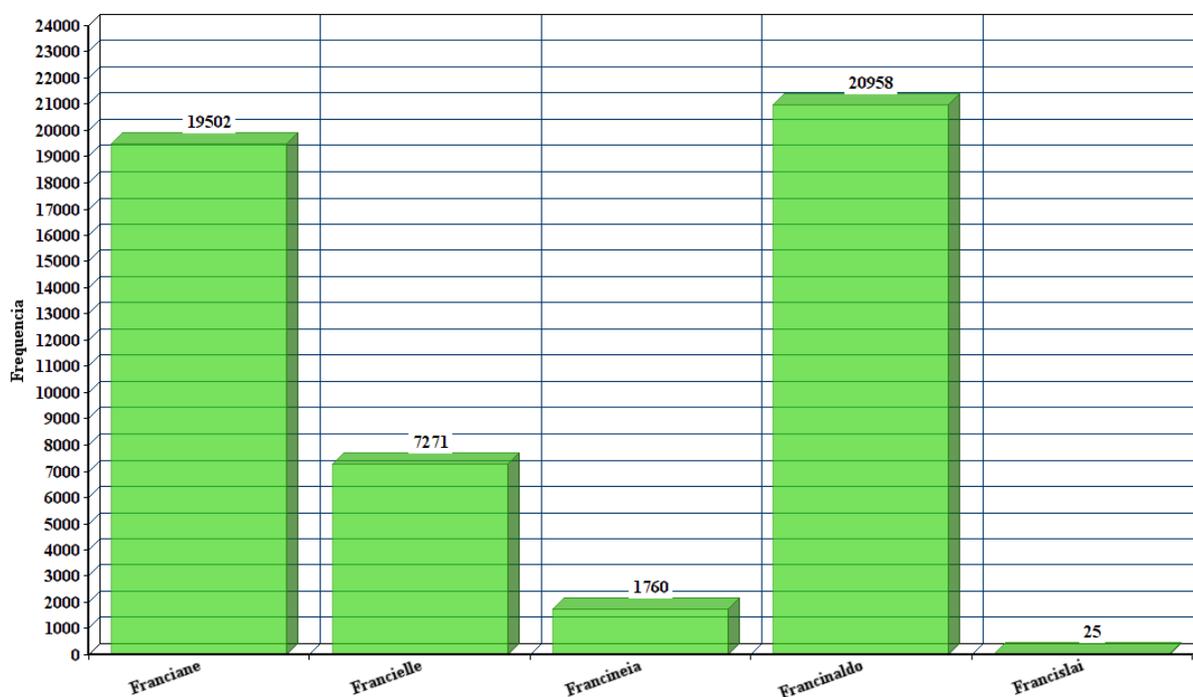
4.3 O formativo *Franci-*

O elemento *Franci-*, oriundo do germânico *frank*, apresentava originalmente, segundo Nascentes (1952), o sentido de “franco”. Porém, vale aqui a mesma argumentação acerca do significado nos prenomes germânicos, uma vez que só são recuperados através da pesquisa etimológica.

No *corpus* analisado, *Franci-* aparece sempre como elemento de primeira posição, isto é, à margem esquerda, ou seja, aparece sempre no início da construção antroponímica neológica. Ocorreu cinco vezes no total, três vezes correspondendo a nomes femininos (*Franciane*, *Francielle* e *Francineia*), uma vez correspondendo a nome masculino (*Francinaldo*) e uma vez sem apresentar correspondência clara quanto ao gênero ao qual se aplica (*Francislai*).

Nos dados do IBGE, esses nomes se apresentaram com relativa frequência, como se pode observar no gráfico a seguir:

Gráfico 5 – Frequência dos nomes neológicos com *Franci-* nos dados do Censo de 2010



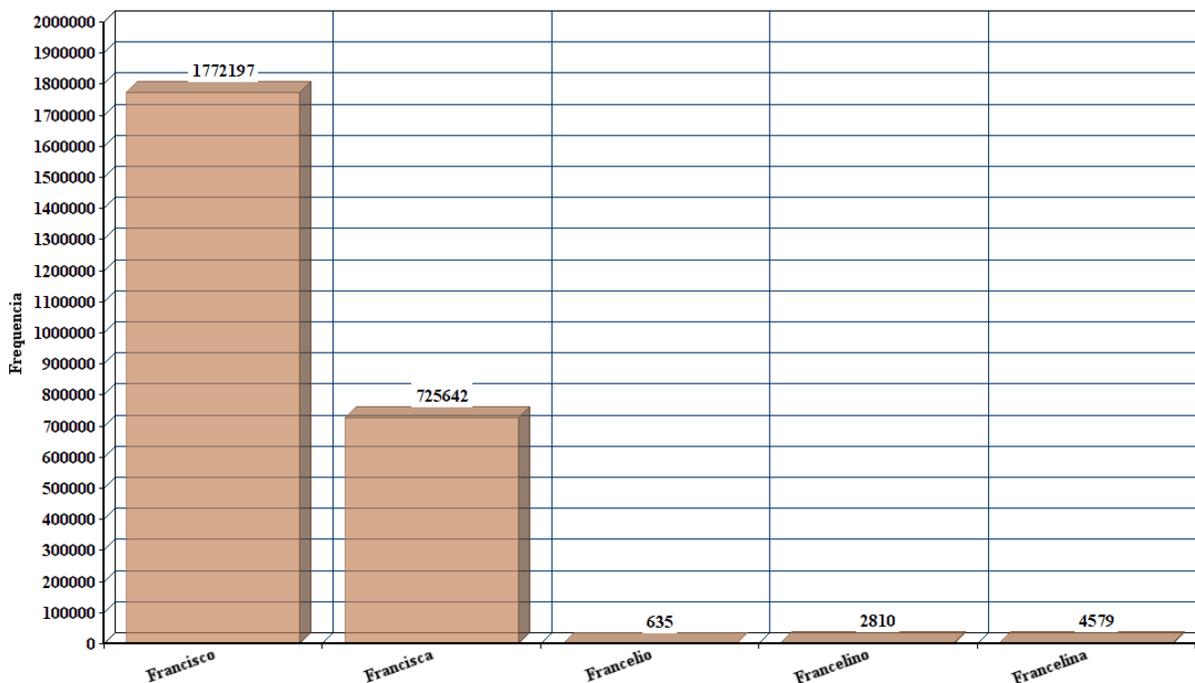
Fonte: Elaborado pelos autores.

Franciane tem seus primeiros registros a partir de 1960 e o ápice de sua popularidade é na década de 1980, com 7.600 pessoas registradas com esse prenome. Embora tenha uma relativa queda de frequência, ainda é bastante recorrente na primeira década do século XXI, com 3.142 novos registros. *Francielle* aparece na década de 1970 e seu ápice de frequência ocorre na década de 1990, com 3.683 registros. *Francineia* é uma criação da década de 1950 e sua máxima popularidade ocorre na década de 1980, com 703 pessoas registradas. *Francinaldo* tem seus primeiros registros na década de 1940, é o mais frequente dentre os cinco neologismos com esse formativo e seu ápice de popularidade ocorre na década de 1980, com 8.005 registros. É possível notar que, nesse caso, temos a coocorrência de dois formativos de origem germânica (*Franci-* e *-naldo*). Por fim, temos a criação antropônima de menor frequência em nossos dados, *Francislai*, com apenas 25 registros. Para antropônimos que não atingem um mínimo de 100 ocorrências, o IBGE não apresenta gráficos, assim, não é possível verificar em que data ocorreram os primeiros registros desse prenome.

São raros os exemplos de antropônimos dicionarizados com esse formativo, a saber: *Francisco* e *Francelio*, e alguns derivados desses, como *Francisca*, *Francelino* e *Francelina*

(NASCENTES, 1952). Embora sejam poucos os nomes, a representatividade de *Francisco* e *Francisca* na língua portuguesa no Brasil atinge índices elevadíssimos, como se pode ver no gráfico abaixo, a partir dos dados do IBGE:

Gráfico 6 – Frequência dos nomes tradicionais em *Franci-*, segundo dados do Censo 2010



Fonte: Elaborado pelos autores.

Francisco é simplesmente o sexto nome mais popular no Brasil e *Francisca* o 16°. Vemos que entre indivíduos nascidos antes de 1930 já havia cerca de 33.338 pessoas registradas com o nome *Francisco* e 27.371 com o prenome *Francisca*. Fica patente, diante desses dados, que esses dois nomes são amplamente difundidos pelo Brasil (atingindo sua máxima popularidade na década de 1960), o que os habilita a servirem de modelos ótimos para a construção de formações antroponímicas neológicas.

Cabe ressaltar que nos parece haver, entre os nomes neológicos, uma significativa produtividade desse formativo, que foi, obviamente, destacado dos antropônimos *Francisco/Franisca*, de frequência incontestável no cenário antroponímico brasileiro. Afirmamos a produtividade de *Franci-* diante dos dados do Censo 2010, uma vez que o IBGE, na entrada de cada nome, oferece, além das informações já exploradas aqui, uma lista de nomes semelhantes àqueles investigados através da caixa de busca. Assim, ao pesquisar os cinco nomes neológicos encontrados na lista de 2005, pudemos verificar a existência de

outras criações brasileiras com esse formativo, como: *Francelle, Francilele, Francille, Franciyelle, Francine, Francineide, Francinide, Francicleia, Francicleide, Francineldo, Francinildo, Francinllo* e *Frankinaldo*.

Desse modo, assumimos um possível esquema construcional para esses antropônimos neológicos, a saber:

$$[\text{Franci(s)-X}]_{\text{NP}} \leftrightarrow [\text{nome de pessoa}]_{\text{NP}}$$

Sobre essa possível esquematização, destacamos que, por se tratar de um elemento da margem esquerda, não se verifica a especificação quanto ao gênero dos antropônimos que contenham esse formativo.

5. Considerações finais

A escolha desses três formativos se deu porque eles representam exemplos de situações diversas em relação aos modelos que serviram para a abstração de esquemas construcionais. De um lado, temos os formativos *-aldo, -naldo* e *-valdo*, com no mínimo 20 modelos diferentes de baixa, média e alta frequência na língua e, de outro, temos o formativo *Franci-* que, embora tenha praticamente um único modelo, com as variantes masculina e feminina (*Francisco/Francisca*), encontra forças produtivas na imensa frequência que esses dois nomes têm na língua portuguesa do Brasil, ocupando a 6ª e a 16ª posição, respectivamente, entre os prenomes de maior usualidade no país. Temos, ainda, o formativo *Ed-* que, alternando também entre modelos de baixa, média e alta frequência, apresenta, assim como o *Franci-*, os prenomes *Eduarda* e *Eduardo* que, com gráfico sempre ascendente, somam, juntos, quase 785 mil ocorrências.

Assim, embora distintos, esses exemplos de análise demonstram o relevante papel da frequência quando se trata de modelos lexicais que servem de base para formações criativas, já que palavras de alta frequência estão mais acessíveis no léxico mental e, portanto, mais afeitas a participarem de processos genolexicais.

Por fim, vale destacar que outros esquemas de construção de antropônimos puderam ser identificados nesta pesquisa, mas que, por limitações de tempo, aqui não pudemos explorar. São eles:

- (1) Elementos da margem direita (com especificação de gênero)

$$[\text{X-berg}]_{\text{NP}} \leftrightarrow [\text{nome de pessoa de gênero masculino}]_{\text{NP}}$$

[X-(i/e)lma]_{NP} ↔ [nome de pessoa de gênero feminino]_{NP}
[X-(i/e)lz(a/e)]_{NP} ↔ [nome de pessoa de gênero feminino]_{NP}
[X-ild(a/es)]_{NP} ↔ [nome de pessoa de gênero feminino]_{NP}
[X-ildo]_{NP} ↔ [nome de pessoa de gênero masculino]_{NP}
[X-mir(o)]_{NP} ↔ [nome de pessoa de gênero masculino]_{NP}

(2) Elementos da margem direita (sem especificação de gênero)

[X-mar(a/es)]_{NP} ↔ [nome de pessoa]_{NP}
[X-val]_{NP} ↔ [nome de pessoa]_{NP}
[X-van]_{NP} ↔ [nome de pessoa]_{NP}

(3) Elementos da margem esquerda (sem especificação de gênero)

[Del-X]_{NP} ↔ [nome de pessoa]_{NP}
[Ger-X]_{NP} ↔ [nome de pessoa]_{NP}
[Gil-X]_{NP} ↔ [nome de pessoa]_{NP}
[Val-X]_{NP} ↔ [nome de pessoa]_{NP}
[Van-X]_{NP} ↔ [nome de pessoa]_{NP}

Esses e outros formativos de origens diversas (latinas, gregas, indígenas, francesas, inglesas etc.) são objeto de estudo em um projeto sobre a onomástica pessoal brasileira que visa a elaboração do *Dicionário de nomes em uso no Brasil* e que teve seu início no segundo semestre de 2017, sob nossa coordenação. Os verbetes relativos aos elementos formativos visarão descrever, não só a sua origem, como também o seu comportamento morfogenlexical no quadro antroponímico neológico no Brasil.

REFERÊNCIAS

- Almeida, Ariadne, Tânia Lobo, e Juliana Soledade. 2003. *Projeto Todos os Nomes: análise sócio-histórica, mórfico-semântica e etimológica da antroponímia baiana*. Salvador: UFBA.
- Alves, Ieda Maria. 1990. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática.
- Booij, Geert. 2010. "Construction morphology." *Language and Linguistics Compass*, vol. 4, n. 7. United Kingdom.

- Booij, Geert. 2012. "Morphology in Construction Grammar." In: Hoffmann, Thomas, Graeme Trousdale. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press.
- Carvalhinhos, Patrícia de Jesus. 2007. "As origens dos nomes de pessoas." *Domínios de Linguagem*, vol. 1, n. 1: 1–18. Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11401/6686>>. Acesso em: 15 jan. 2016.
- Castro, Ivo. 2004. "A atribuição do nome próprio no espaço luso-brasileiro: dados paulistas." In: Boullón Agrelo, Ana Isabel, Dieter Kremer. *Novi te ex nomine: estudos filológicos oferecidos ao Prof. Dr. Dieter Kremer: 245–256*. [A Coruña]: Fundación Pedro Barrié de la Maza.
- Castro, Ivo. 1991. *Curso de história da língua portuguesa*, vol. 1: 145–151. Lisboa: Universidade Aberta.
- Correia, Margarita. 2012. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola.
- Cunha e Sousa, Hirão Fernandes. 2017. *Arlindos e negros: o nome próprio em uma irmandade de cor na Bahia dos séculos XIX e XX*. Salvador: ILUFBA. Tese de doutorado.
- Dick, Maria Vicentina de Paula do Amaral. 1990. *Toponímia e antroponímia no Brasil*, 2. ed. São Paulo: Coletânea de Estudos.
- Fandrych, Ingrid. 2008. "Submorphemic elements in the formation of acronyms, blends and clippings." *Lexis: E-Journal in English Lexicology*: 103–121. Lyon. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lexis/713#tocfrom1n1>>. Acesso em: 10 jun. 2018.
- Faraco, Carlos Alberto. 2005. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola.
- Feixó Cid, Xosé. 2003. *Diccionario de nomes galegos*. Lerez: Xerais.
- Gonçalves, Carlos Alexandre. 2006. "Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português." *Gragoatá*, vol. 21: 219–242. Niterói.
- Gonçalves, Carlos Alexandre. 2016. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto.
- Hébrard, Jean. 2000. *Escravidão e dominação: imposição e apropriação de um nome entre os escravos da Bahia no século XIX*. Tradução não publicada de Tânia Conceição Freire Lobo e Sônia Borba Costa. Salvador, 64 p.
- Henriques, Cláudio Cezar. 2011. *Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 231 p.

- Houaiss, Antonio, Mauro de Salles Villar. 2001. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Jackendoff, Ray. 1997. *The architecture of the language faculty*. Cambridge: MIT Press.
- Lehrer, Adrienne. 1998. “Prefix in English word formation.” *Folia Linguistica*, xxix /1-2, [S.l]: 133–148.
- Levinson, Stephen C. Dêixis. 2007. In: *Pragmática*. Tradução de Luís Carlos Borges e Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes.
- Menon, Odete Pereira. 2013. “Sobrenomes no feminino e patronímicos em -ez (-es): perdas morfológicas em português.” *Revista Diadorim*, 65–81. Rio de Janeiro, número especial.
- Machado, José Pedro. 2003. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa: v. II*. Lisboa: Horizonte: Confluência.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia. 2003. “Germanismos e arabismos no período formativo da língua.” In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS DA ABRAEM, 5., 2003 Salvador. *Anais...* Salvador: ABREM/UFBA.
- Mexias-Simon, Maria Lúcia, Aileda de Mattos Oliveira. 2004. *O nome do homem: reflexões em torno dos nomes próprios*. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação.
- Nascentes, Antenor. 1952. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Tomo II – Nomes próprios. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- NOMES NO BRASIL. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>>. Acesso em: 29 out. 2017.
- Oliveira, Ana Cristina Rosito. 2017. *As formações X-nejo no português do Brasil: uma análise construcional*. 2017. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Piel, Joseph Maria. [1960]1989. *Estudos de linguística histórica galego-portuguesa*. Lisboa: Imprensa nacional – Casa da Moeda.
- Pereira Filho, Davi A. 2015. *A antroponímia no português arcaico: o legado germânico*. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Reis, João José. 2003. *Rebelião Escrava no Brasil. A História do Levante dos Malês em 1835*. Ed. revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras.
- Rio-Torto, Graça Maria. 1998. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora.
- Rio-Torto, Graça Maria et al. 2013. *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

- Rio-Torto, Graça Maria et al. 2016. *Gramática derivacional do português*. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Rodrigues, Letícia Santos. 2016. *Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Rowland, Robert. 1998. “Práticas de nomeação em Portugal durante a época Moderna: ensaio de uma aproximação.” *Etnográfica*, vol. 12: 17–43. Lisboa. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/etnografica/1590>>. Acesso em: 23 nov. 2017.
- Seide, Marcia Sipavicius. 2013. “Toponomástica e Antroponomástica: paradigmas e métodos.” *Confluência*, vol. 44/45: 165–184. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/1192.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2017.
- Silva, Irani Sacerdote de Souza. 2012. “Antroponímia portuguesa: um breve estudo acerca dos sobrenomes no período medieval.” *Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá*, vol. 4: 31–40. Guarapuava.
- Soledade, Juliana. 2012. “A antroponímia no português arcaico: aportes sobre a sufixação em nomes próprios personativos.” In: Lobo, Tânia et al. (Org). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*, 323–336. Salvador: EDUFBA.
- Soledade, Juliana. *Germanismos antroponímicos do português: estudo morfológico*. Inédito. Apresentado no Congresso Internacional de Linguística Histórica – Homenagem a Rosa Virgínia Mattos e Silva. Salvador: UFBA; UEFS; UNEB, 26 a 29 de julho de 2009. (Mimeo).
- Soledade, Juliana, Mailson Lopes. 2016. “Uma proposta de revisão do conceito de morfema.” In: Almeida, Aurelina Ariadne Domingues, Elisângela Santana dos Santos, e Juliana Soledade (Org). *Saberes lexicais: mundos, mentes e usos*, 429–461. Salvador: EDUFBA.
- Soledade, Juliana, Nival Almeida Simões Neto. 2018. “Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional.” In: *RELIN -Revista de Estudos da Linguagem*, vol. 26, n. 3: 1295–1350. Belo Horizonte: UFMG.
- Szymanek, Bogdan. 2005. “The latest trends in English word-formation.” In: Štekauer, P., R. Lieber (eds.). *The handbook of word-formation*, 429–448. Netherlands: Springer.
- Teyssier, Paul. 1998. *História da língua portuguesa*. Tradução de Celso Ferreira da Cunha. Rio de Janeiro: Martins Fontes.
- Ullmann, Stephen. 1987. “Nomes próprios.” In: *Semântica: uma introdução à ciência do significado*, 5 ed: 148–165. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vasconcelos, José Leite de. 1928. *Antroponímia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Viaro, Mário Eduardo. 2013. *Manual de etimologia do português*. 2. ed. São Paulo: Cortez.